



## Gazeta de Bebedouro Mundo Melhor

# 8 de abril – Dia Mundial de Combate ao Câncer

## Unicamp descobre que fosfoetanolamina comercializada no país é falsa

O Dia Mundial de Combate ao Câncer é comemorado anualmente em 8 de abril. A data serve para conscientizar a população mundial sobre os cuidados de prevenção da 2ª doença que mais mata pessoas em todo o mundo: o câncer, também conhecido por neoplasia.

As causas para o surgimento do câncer podem ser as mais variadas possíveis, desde motivos externos - como o ambiente, costume ou hábitos que o indivíduo possui - até fatores internos, como características geneticamente determinadas. No Brasil, também é considerada a segunda doença que mais mata, em especial o câncer de pele. O principal objetivo do Dia Mundial de Combate ao Câncer é informar às pessoas sobre a importância de consultar sempre médicos e estar atento à saúde, para evitar o crescimento dessa doença.

Os brasileiros celebram ainda o Dia Nacional de Combate ao Câncer em 27 de novembro. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer - INCA, os tipos de câncer que mais atacam os brasileiros são: de pele, próstata, mama, cólon e reto, pulmão e estômago.

O Dia Mundial de Combate ao Câncer foi criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para que organizações ao redor do planeta se reúnam em prol da prevenção dos vários tipos de câncer, além de dar força aos pacientes que lutam contra esta doença.

### Fosfoetanolamina volta a ser notícia

#### Ciência x Política

Pois não é que, na semana em que se comemora uma efeméride tão importante, a imprensa nacional é "chacoalhada" com duas notícias envolvendo a já famosa fosfoetanolamina sintética ou a "pílula do câncer"! Esta substância que, supostamente, é um "anticancerígeno", esteve no centro de uma celeuma política/científica nos estereótipos do governo de Dilma Rousseff. (veja o quadro "História")

No último dia 4 veio a divulgação do Relatório Final aprovada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), instaurada em 2017 para "investigar" a pesquisa feita pelo Instituto do Câncer de São Paulo (Icesp) sobre a fosfoetanolamina. Desde o início marcado por polêmicas, uma delas de que deputados não têm competência para julgar um trabalho científico, a "CPI da pílula do câncer" teve seu relatório aprovado por unanimidade e aponta que ocorreram "muitas falhas" durante a execução da pesquisa.

A leitura do documento ocor-

reu no Auditório Teotônio Vilela, pelo relator deputado Ricardo Madalena (PR). "Foi um relatório muito bem elaborado. Agora será encaminhado aos órgãos de controle do Judiciário, ao Ministério Público Estadual e ao Federal, para que continuem as apurações e tomem as medidas responsáveis sobre as falhas que ocorreram na pesquisa", declarou. O relatório pede ainda que a pesquisa continue.

O parlamentar citou as principais desconformidades identificadas no protocolo da pesquisa, elaborado pelo Instituto do Câncer de São Paulo (Icesp) e aprovado pela Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa). Segundo ele, houve erro em 80% dos grupos pesquisados, que não completaram o total de 21 pacientes participantes, conforme determinado no protocolo. "Apenas um grupo de câncer tinha 21 pacientes. Havia grupos que contavam com apenas um participante, o que é um absurdo", declarou.

Cerca de 40 pessoas foram ouvidas pela CPI, dentre auditores da pesquisa, médicos oncologistas, professores, representantes da Secretaria da Saúde e outros. A comissão foi instalada em outubro do ano passado, com o propósito de investigar a utilização do dinheiro público investido na pesquisa clínica, que havia sido suspensa pelo Icesp, no mês de março.

A Secretaria Estadual de Saúde contestou e diz que "todas as fases do estudo clínico, realizados pelo Icesp, foram rigorosamente baseadas em protocolos científicos internacionais, aprovados e acompanhados por diferentes instâncias". A nota da secretaria termina dizendo: "É temerário o uso do instrumento político para questionar a validade da ciência, uma vez que é de notório conhecimento que todo o estudo foi conduzido dentro das normas éticas e apresentado de maneira transparente. É por meio da medicina de qualidade que são defendidos os interesses coletivos de todos os pacientes em tratamento contra o câncer no país".

#### Caso de Polícia

Um estudo divulgado esta semana pelo Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (IQ/Unicamp), trouxe, novamente a fosfoetanolamina para a mídia.

Mesmo com a ineficácia comprovada, a fosfoetanolamina passou a ser comercializada como suplemento alimentar - o que não é proibido pela legislação. Ocorre que avaliações realizadas no IQ/Unicamp constataram que este produto não traz um traço sequer da substância. Laudo do Instituto Geral de Perícias (IGP), solicitado pela Polícia Civil e recém-divulgado, também constatou a

inexistência de fosfoetanolamina em cápsulas de suplemento da empresa Quality Medical Line.

O dito suplemento alimentar promete melhorar a qualidade de vida, o desempenho de células de defesa do organismo e o equilíbrio das funções metabólicas do corpo, embora implicitamente explore a esperança para a cura do câncer. "Agora, o consumidor pode estar sendo vítima de fraude a partir de um mesmo produto", diz o professor Luiz Carlos Dias, coordenador do Laboratório de Química Orgânica Sintética do IQ. O docente foi responsável pelas análises de cápsulas do lote número 1701053, colocado à venda na internet por 99 dólares (mais de R\$ 300) o frasco, adquirido e examinado a pedido do jornal Zero Hora e da RBSTV (Rede Brasil Sul), que em 3 de janeiro divulgaram reportagens que levaram a Polícia Civil a deflagrar a "Operação Placebo".

A substância estava sendo comercializada como suplemento alimentar desde 2017, pela empresa Quality Medical Line, sediada em Miami (EUA) e constituída por sócios brasileiros, entre os quais dois ex-integrantes do grupo de Gilberto Chierice (veja o quadro "História"); o médico Renato Menegueto e o bioquímico Marcos Vinícius de Almeida. A denúncia de que o suplemento não contém fosfoetanolamina, feita ao Grupo de Investigação (GDI) da rede de comunicação gaúcha, partiu de um ex-sócio da Quality, Humberto Silva de Luca, que deixou a empresa por desentendimentos.

Para confirmar a denúncia, o GDI solicitou as análises ao professor Luiz Carlos Dias devido à sua experiência anterior com a fosfoetanolamina. Os resultados, segundo o pesquisador da Unicamp, mostraram que as cápsulas do lote examinado não continham a substância: 96% do conteúdo era de excipientes usados para dar cor e consistência à mistura, comuns em medicamentos, mas desprovidos de quaisquer efeitos terapêuticos benéficos. Os 4% restantes eram de fosfato de monoetanolamônio, derivado da reação química entre ácido fóscrico e monoetanolamina (matérias primas usadas na síntese da fosfoetanolamina) - tal substância já se revelava com efeito muito reduzido no combate ao câncer de pele, mas muito tóxica, pois ataca células sadias e doentes.

"Para mim foi uma surpresa muito grande", afirma o docente, que manifesta profunda indignação e revolta diante da comercialização de um produto comprovadamente inócuo, que não contém sequer o componente que leva as pessoas a comprá-lo.

A indignação do professor Luiz Carlos Dias do IQ/Unicamp foi constatada pela reportagem

da *Gazeta*, que conseguiu uma entrevista exclusiva, por telefone, com o pesquisador.

*Gazeta - Pesquisa da Unicamp diz que a "pílula do câncer", que chegou a ser distribuída à população é caso de polícia.*

*Por que a universidade decidiu investigar a substância?:* "A pedido do Ministério de Ciências, Tecnologia e Inovação, no final de 2015, para analisar as cápsulas da USP provenientes do Instituto de Química da USP de São Carlos, participei do grupo de trabalho do RCTI que fez esta análise, que foi amplamente divulgada. Nós analisamos o conteúdo, preparamos o material que foi encaminhado para Florianópolis. No final de 2017, o jornal Zero Hora de Porto Alegre, e o grupo de investigação da Rede Brasil Sul de Televisão do Rio Grande do Sul, receberam uma denúncia de um dos sócios da Quality Elements que é a empresa de Miami, que eles estavam vendendo suplemento alimentar à base de Fosfoetanolamina sem conter a Fosfoetanolamina, então, entrei em contato comigo, em virtude do trabalho que havia feito anteriormente, a pedido do Ministério de Ciências, Tecnologia e Inovação, para saber se eu tinha interesse em fazer essa análise de suplemento. Eles compraram através de empresa (on-line), enviaram para o meu laboratório e nós fizemos esta análise. Em virtude do interesse deles, fizemos esta análise. Sou docente da Unicamp e o interesse não partiu diretamente da Unicamp, mas nós temos obrigação social e foi desta maneira que participei deste trabalho.

*Gazeta - Como o senhor vê a constatação da ausência do produto que estava anunciado no rótulo?*

"Fiquei muito surpreso, na verdade. Sinceramente, não acredito que eles estivessem vendendo o suplemento alimentar à base de Fosfoetanolamina sem conter a Fosfoetanolamina, fiquei surpreso. Fizemos uma análise química cuidadosa, com equipamentos de última geração, dos mais modernos do mundo. São técnicas muito avançadas e constatamos que não havia realmente Fosfoetanolamina lá. Esta reportagem foi publicada no dia 13 de janeiro, no jornal Zero Hora, e no dia 4 de janeiro, a Polícia Civil deflagrou, no Rio Grande do Sul, a Operação Placebo, porque eles já estavam investigando este mesmo grupo, por outras razões, como tráfico de droga e lavagem de dinheiro, com vários carros apreendidos de um dos sócios, com vários frascos de suplemento alimentar com o mesmo número de lote que analisamos aqui. Eles enviaram inclusive estes lotes que analisamos aqui, para o Instituto Geral de Perícia de Porto Alegre, eles

confirmaram que realmente não continha Fosfoetanolamina, neste lote que eles estavam vendendo".

*Gazeta - O senhor pode detalhar o método utilizado para fazer a análise?*

"Utilizamos equipamentos, análises químicas que são muito brandas, muito sensíveis, métodos baseados em ressonância magnética nuclear hidrogênica, carbono e fósforo 31. Esta técnica permite analisar até quantidades muito pequenas de qualquer material, de qualquer composto, qualquer molécula contida no pó, que está na cápsula. Este pó analisamos de diversas formas, inclusive há uma técnica que chama-se espectrometria de massa, são técnicas realmente muito sensíveis, capazes de detectar quantidades muito pequenas mesmo. Mas, infelizmente, nenhum destes frascos tinha absolutamente nada da Fosfoetanolamina, como indicava o rótulo.

*Gazeta - Este método é aceito internacionalmente?*

"Em qualquer lugar do mundo que você vá fazer este tipo de análise, são estas as técnicas utilizadas, não tem como você detectar, não tem como você analisar de forma qualitativa e quantitativa, se não utilizar este método. Em qualquer lugar do mundo, estas técnicas seriam obrigatoriamente utilizadas".

*Gazeta - O que pode acontecer com este laboratório?*

"Isso é critério da polícia e do Ministério Público. Nosso papel aqui, foi de fazer esta análise e prestar este serviço solicitado através da imprensa. O desdobramento tem que ficar a critério das autoridades competentes. Eles estão vendendo um produto que não contém aquilo que está sendo informado no rótulo. Não procuramos não nos envolver com isso, nosso objetivo é trazer a verdade. O produto infelizmente não continha. As pessoas que compram, pagam caro, achando que contém o produto. O frasco custa US\$ 99 mais impostos.

A Fosfoetanolamina surgiu há anos como promessa da cura do câncer, de vários tipos de câncer. Seria ótimo se fosse verdade, mas todos os ensaios in vitro, pré-clínicos e clínicos em seres humanos mostraram que ela não tem nenhuma atividade contra o câncer. As pessoas não devem se apegar a estas falsas promessas, sem nenhuma comprovação científica e sim aos médicos especialistas e fazer o tratamento convencional, tradicional, adequado".

*Gazeta - Que conselho o senhor daria às pessoas que buscam este tipo de produto?*

"A população deve ser alertada, principalmente, as que têm câncer, que na maioria das vezes está em um momento de muita fragilidade emocional, em não

acreditar em qualquer coisa. Isso é um risco muito grande. Muitas pessoas têm acreditado nestas terapias alternativas e morrem. Infelizmente, não é verdade. Tem muita gente que se aproveita para ganhar dinheiro com isso, este apareceu pela denúncia do ex-sócio, mas no mercado negro, ainda existe em grande quantidade. Sou bem sincero, nenhum destes suplementos que tem a base Fosfoetanolamina, nenhum destes, nenhum destes (repete), nem a Fosfoetanolamina que era produzida na USP e hoje é produzida pelo laboratório de Cravinhos, tem qualquer ação anticâncer, infelizmente. Seria ótimo se fosse. Existem muitos aproveitadores, que estão se aproveitando da fragilidade das pessoas. Em casos com câncer, o oncologista é o seu melhor amigo, apegue-se aos tratamentos tradicionais, independentemente do tipo de câncer e do estágio. Não se deve acreditar em promessas, sem nenhum tipo de fundamento".

### História

Isolada pela primeira vez em 1936, no Canadá, a fosfoetanolamina passou a ser estudada no Brasil nos anos 90, pelo químico Gilberto Orlando Chierice, do Instituto de Química da USP de São Carlos. Depois de pesquisas com células cancerígenas in vitro e in vivo em pequenos animais, o pesquisador passou a promover, há alguns anos, a distribuição de cápsulas da substância a portadores de diversos tipos de doença.

Diante da repercussão da terapia e da oposição da comunidade científica, que não via indicativos conclusivos nas pesquisas realizadas pelo grupo de Chierice, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) criou, em 2015, uma equipe de trabalho para realização de estudos que atestassem a segurança e eficácia da substância. Apesar dos pareceres contrários a fosfoetanolamina, emitidos pelo MCTI e por entidades ligadas à saúde, o governo Dilma prorrogou lei autorizando seu uso. Logo depois, em maio de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) revogou a lei, pondo fim à controvérsia envolvendo a chamada "pílula do câncer".

O governo de São Paulo então, resolveu bancar um estudo sobre a "pílula" através do Icesp, alvo da CPI. A pesquisa também apontou, como o MCTI, que o poder terapêutico do medicamento, praticamente, era inexistente. De 72 pacientes avaliados, apenas um, que tinha melanoma, teve melhora do quadro clínico e, mesmo assim, muito pequeno.

Foi avaliado o comportamento da substância em 10 diferentes tipos de tumor. A pesquisa então foi abandonada, em março de 2017.